

## Patrimônio Histórico de Ipu

Tem um ar nostálgico, bucólico e delicioso acompanhando os passos do visitante. É a primeira vez que ele, depois de muitos anos, pisa novamente os paralelepípedos centenários de sua pequena cidade do interior, onde o velho e o novo se chocam, se tocam e se abraçam.

Fica horas e horas olhando para as sacadas artesanalmente decoradas, orladas de curvas abundantes, formando debruns assimétricos, lembrando fitas, laços, rendas... e as rendas lhe trazem de volta as moças que ele lembra um dia terem se debruçado naquelas janelas, daquelas casas de calçadas altas, portas gigantescas, cores comuns.

Por trás do casario, cortando o céu poente, uma serra, ora verde, ora azulada, que se estende preguiçosa e por onde a água insiste em cair e, quando cai, é um show para os olhos e ouvidos do viajante, que não se cansa de tanta beleza.

Descendo a ladeira, passa ao lado do Patronato, local onde deu seu primeiro beijo, por trás do pano de fundo do auditorium, ladeado pelos pilares esculpido de umas das escolas mais belas das redondezas. Cansado, senta-se na praça do quadro e extasia-se com a brancura e singeleza da igrejinha, construída há muito tempo atrás, e imagina o sino tocando, chamando os moradores para as rezas da tarde. Quer entrar, mas a igreja está lacrada, à espera de mãos que a adotem, a toquem, a reestruturem e lhe tragam de volta suas formas e cores primitivas, que tanto encantaram e ainda enchem de orgulho os moradores da cidade.

De volta à sua peregrinação, ele segue por uma rua estreita, onde sobrados contam história de seus antepassados. Lá longe, em uma curva distante, os trilhos conduzem à uma estação de trem. Por alguns segundos seus olhos se fecham e ele ouve o burburinho frenético dos passageiros subindo apressados, ouve o farfalhar das anáguas de seda, debaixo das saias rodadas, sente o perfume da lavanda Inglesa, que se mistura ao cheiro de ferro, característico dos trens de outrora. E ele, por um momento, enaltece-se ao ver que a velha estação está sendo restaurada, que a nova geração também é amante da história e que aqui sempre haverá espaço para o ontem, o hoje e o amanhã.

Ana M<sup>a</sup> Melo Aragões